

## LÍNGUA DE SINAIS EM CONTATO: UMA COMUNIDADE FALANTE DAS LÍNGUAS DE SINAIS DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

Mariana Pereira Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresento neste artigo, os principais resultados obtidos através da pesquisa que desenvolvi para o programa de doutorado em Linguística, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, com foco na área de sociolinguística das línguas de sinais, localizada no campo dos Estudos Surdos. A pesquisa busca apontar as percepções dos falantes em relação a língua, dentro dos estudos do comportamento linguístico. A pesquisa teve como objetivo investigar as percepções que existem na fronteira Santana do Livramento (Brasil) - Rivera (Uruguai), sobre as línguas de sinais faladas. Utilizei um desenho qualitativo e quantitativo no tratamento metodológico, utilizando três técnicas de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise crítica dos discursos em diferentes documentos. Para a abordagem quantitativa, utilizei o método da sociolinguística variacionista em Labov e, através da triangulação, estabeleci contrastes e observei se eles formavam uma imagem do todo. O contato entre as línguas de sinais na fronteira revela dinâmicas únicas onde a comunidade falante de língua de sinais, organiza o mundo de forma própria e esse processo influencia a autopercepção e as relações internas da comunidade. Assim, analisei que a comunidade falante de língua de sinais em contato na fronteira entre o Brasil e o Uruguai se posiciona positivamente em relação às habilidades linguísticas em língua de sinais, seja LSU, LIBRAS ou LIBRALSU.

**Palavras-chave:** línguas de sinais em contacto; comunidade linguística; comunidade surda; identidade linguística; fronteira.

## SIGN LANGUAGE IN CONTACT: A SIGN LANGUAGE-SPEAKING COMMUNITY ON THE BRAZIL-URUGUAY BORDER

**Abstract:** Present in this article, the main results of my investigation for the doctorate program in Linguistics, within the framework of Variationist Sociolinguistics, with a focus on the field of sociolinguistics of sign languages, within Deaf Studies. Within studies of linguistic behavior,

---

1 Licenciatura em Educação Especial, Mestrado em Educação, Doutorado em Linguística, Tradutora e Intérprete de Língua de Sinais, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. Endereço eletrônico: [marianacastro@unipampa.edu.br](mailto:marianacastro@unipampa.edu.br) ou [pereiramariana.castro@gmail.com](mailto:pereiramariana.castro@gmail.com)

research focuses on speakers' perceptions of the language. The purpose of the research was to analyze the perceptions of people on the border between Santana do Livramento (Brazil) and Rivera (Uruguay) about the sign languages that are used. I used a qualitative and quantitative design for the methodological treatment: semi-structured interviews, participant observation and critical discourse analysis in several documents. For the quantitative approach, I used Labov's variationist sociolinguistics method. I established contrasts and saw if they formed an image of the whole through triangulation. The contact between sign languages at the border reveals unique dynamics where the sign language-speaking community organizes the world in its own way, influencing the community's self-perception and internal relationships. Thus, I analyzed that the sign language-speaking community at the Brazil-Uruguay border has a positive attitude toward their linguistic skills in sign languages, whether LSU, LIBRAS, or LIBRALSU.

**Keywords:** sign languages in contact; linguistic community; deaf community; linguistic identity; border.

## INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos sobre a situação linguística das línguas orais em contato na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, é um tema que foi longamente estudado com relação a variação fronteiriça, por educadores, políticos, sociólogos, antropólogos e linguistas, entre eles (Rona, 1965; Behares, 1996; Elizaincín, 1996; Hensey, 1972; Barrios, Behares & Elizaincín, 1987; Carvalho, 1998; Puranen, 1999; Sturza, 2006).

A meu critério e como falante das línguas de fronteira, sustento que, o que se fala na fronteira Brasil/Uruguai é, além do Português e do Espanhol, o Portunhol ou "Portuñol", aceito nestas duas grafias. Como pertencente a esta comunidade de fala entendo a importância da comunidade de fala poder produzir e ser produzida através de suas próprias percepções linguísticas.

Diferente dos tradicionais estudos sociolinguísticos com relação às línguas orais em contato e especificamente este contato linguístico na fronteira entre o Português e o Espanhol, amplamente estudado, as línguas de sinais que estão em contato na fronteira não foram antes estudadas dentro desta perspectiva do contato linguístico. Quase invisíveis pela linguística tradicional por serem línguas de sinais, além de serem línguas em contato (Weinreich, 1953); o contato entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Uruguaia de Sinais (LSU), neste estudo, aparece como capaz de produzir um terceiro espaço linguístico e identidades surdas de uma comunidade falante de língua de sinais na fronteira.

Com relação aos estudos sobre as línguas de sinais em contato, encontrei apenas uma investigação de Quinto-Pozos (2002), que estuda o contato entre a Língua de Sinais Mexicana (LSM) e a Língua Americana de Sinais (ASL), na fronteira México e Estados Unidos. É interessante mencionar também a dissertação de Sumaio (2014), um estudo do uso da LIBRAS e dos sinais nativos por indígenas surdos, trabalhos com maior ênfase na estrutura linguística, fundamentalmente ao nível do léxico. No Brasil, temos as pesquisas de Quadros e Silva (2017), que nos

apresenta a tabela “Línguas de Sinais do Brasil”, que contém a compilação de teses sobre as variedades de línguas de sinais no Brasil.

Do Uruguai trago a investigação de Peluso (2010) sobre a percepção dos surdos sobre a LSU, como os surdos percebem a distribuição funcional das línguas Espanhol e LSU. Esta investigação é interessante aqui pois é a única pesquisa que encontrei sobre a percepção dos falantes de línguas de sinais sobre a sua própria língua.

Assim, propus uma investigação e trago resumidamente neste artigo, os resultados de uma pesquisa de doutorado em linguística<sup>2</sup>. A pesquisa teve como foco a área da sociolinguística das línguas de sinais dentro da variedade de disciplinas para as quais convergem, com o objetivo de analisar as percepções dos falantes sobre a língua dentro dos estudos do comportamento linguístico, abordando complexas áreas da sociolinguística das línguas de sinais. Centrada no campo dos Estudos Surdos, Estudos Culturais em que a comunidade surda e a língua de sinais constituem o centro, como um território interdisciplinar e político no qual se articulam diversas disciplinas sociais, humanas e artísticas.

A investigação dirigiu o olhar para os falantes nativos que se comunicam entre si, e são os dados básicos para a linguística geral, que se concentra na língua utilizada na comunidade de fala, porque o “objeto da linguística tem de ser, ao fim e ao cabo, o instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala” (Labov, 2008, p. 220).

A tese teve como objetivo investigar as percepções existentes na fronteira Santana do Livramento (Brasil) - Rivera (Uruguai) sobre o processo de compartilhamento de duas línguas de sinais, a LIBRAS e a LSU), bem como a variação e a mudança linguística no contexto de uma comunidade de fala; numa investigação que enfoca a heterogeneidade linguística, examinando a variação e a mudança linguística no contexto da comunidade de fala.

O termo comunidade de fala, que utilizo como referencial teórico, refere-se a um grupo de pessoas que compartilham as mesmas regras e convenções para compreender um código, uma língua, um dialeto ou uma variante linguística (Gumperz, 1962; Hymes, 1974).

De acordo com esta perspectiva, a língua é um sistema que opera em uma heterogeneidade ordenada e “a língua de uma comunidade como um sistema diferenciado e de reconciliação de fatos observados de heterogeneidade linguística” (Weinreich, *et al.* 2006, p. 33).

Situada numa epistemologia decolonial e embasada na linguística crítica (Rajagopalan, 2006), adotei nesta pesquisa um desenho metodológico que combina abordagens qualitativas e quantitativas. A coleta de dados foi realizada através de um

---

2 Este artigo é um resumo dos resultados de uma pesquisa de doutorado. Veja a tese completa: *Lengua de Señas en la Frontera Uruguay-Brasil* (Pereira, 2022), pode ser visto em <https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/40746>

desenho qualitativo e quantitativo no tratamento metodológico, utilizei três técnicas de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise crítica dos discursos em diferentes documentos (diário de campo, documentos acadêmicos e legislações do Brasil e do Uruguai). Para a análise quantitativa dos dados, utilizei métodos da sociolinguística laboviana, a fim de examinar variações e mudanças linguísticas.

Visualizei a mesma história a partir de várias perspectivas, como na metáfora do cristal (Denzin & Lincoln, 2006) que reflete a realidade e reflete a criação de diferentes contextos, para alcançar uma análise aprofundada do fenômeno em questão através da triangulação, agregando rigor à análise. A triangulação permitiu que as informações coletadas em diversos campos fossem discutidas no texto e também permitiu que os objetivos específicos fossem integrados em um sistema mais amplo de análise.

É importante acrescentar esclarecimentos a respeito dos princípios éticos durante a investigação, a pesquisa situa-se, no paradigma da ciência crítica e decolonial; neste sentido, o principal aspecto ético a salientar é a procura, em todos os momentos, da promoção de relações equitativas entre o pesquisador e os demais atores da pesquisa. Também foi assinado pelos participantes um consentimento informado e a investigação foi submetida ao Comitê de Ética de la Investigación Científica de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República e recebeu autorização no dia 18 de Maio de 2018.

Na sequência o artigo se desenvolve em quatro seções. A primeira seção, A comunidade falante da língua de sinais na fronteira, apresenta uma visão geral sobre a comunidade surda que vive na região de fronteira. Em seguida, a segunda seção, As percepções linguísticas da comunidade surda da fronteira, explora as percepções dos membros dessa comunidade sobre sua língua, com base em documentos e no diário de campo que reúne relatos e experiências vividas durante um projeto de extensão. A terceira seção, LIBRALSU é reconhecida pela comunidade, aborda o reconhecimento e a caracterização de LIBRALSU, um sinal fronteiriço que representa a identidade local e é descrito pela comunidade com detalhes sobre sua configuração e significado. Por fim, a quarta seção, Línguas de sinais faladas na fronteira: LSU, LIBRAS e LIBRALSU, discute as três línguas de sinais reconhecidas e utilizadas pelos falantes da comunidade fronteiriça, revelando a riqueza e complexidade desse cenário linguístico.

## **A COMUNIDADE FALANTE DA LÍNGUA DE SINAIS NA FRONTEIRA**

Na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, falantes de língua de sinais, uruguaios, brasileiros e/ou doble-chapa, “nos termos da fronteira como prefiro dizer fronteiriço e/ou doble-chapa; (vocábulo fronteiriço, utilizado para designar as pessoas que tem dupla nacionalidade, pessoa naturalizada ou com dois registros de nascimento, um em cada país)” (Figueira, 2016, p. 23); surdos e ouvintes, professores, familiares e amigos formam uma comunidade de fala. A comunidade surda da fronteira é, na

minha opinião, porque eu trabalho com uma ideia mais alargada de comunidade surda (Pereira, 2022), a comunidade falante de língua de sinais.

Esta comunidade da fronteira é como os pássaros, que cruzam de um lado para o outro,

Os pássaros cruzam de um lado para o outro, muitos comem no Uruguai e à noite os bandos vão para o outro lado do rio e ali dormem. Essas aves não têm carteira de identidade, as aduanas não as detêm, nem as bandeiras, nem têm fronteiras (Fischer, 2014, p. 9)

Uma metáfora vem à mente com os pássaros de Fischer (2014), quando nos conta como é essa fronteira e como é comum e possível passar de um lado para o outro; assim como os pássaros; também as pessoas. Muitos estudantes surdos passam de um lado ao outro, estudam no Uruguai ou no Brasil, pois são cidadãos fronteiriços e não são obstaculizados pelas aduanas, bandeiras ou fronteiras. Eles se reúnem para falar em língua de sinais, compartilham uma identidade e modos surdos de produzir, de ser e de estar na fronteira. Eles formam uma comunidade permeada por

uma cultura surda através das línguas de sinais faladas pelos surdos fronteiriços e uma produção de artefatos culturais que transitam nesse espaço de fronteira, produzindo as condições de possibilidades para pensar a Comunidade Surda da Fronteira (Figueira, 2016)

O sentimento de pertencimento, como celebração móvel ligada à identidade, é a base da participação nesta comunidade surda fronteiriça. Essa comunidade surda possui características distintas por diversos motivos, como ser binacional, fronteiriça, incluindo pessoas surdas e ouvintes como professores, amigos, intérpretes e familiares. Além disso, em nenhum dos países é realizado um censo para determinar o número de pessoas surdas no sentido de falantes de línguas de sinais, assim a constituição da comunidade surda se dá pelo pertencimento.

Esta comunidade vive num espaço-tempo entrelaçado entre dois países com livre acesso, como podemos ver na foto, uma praça que une as duas cidades, o Parque Internacional, onde as cidades estão próximas, lado a lado, como as bandeiras do Brasil e do Uruguai.

Figura 1: Parque Internacional (Brasil - Uruguai)



Fonte: Imagem Google (2024).

Os alunos surdos brasileiros e uruguaios deslocam-se de um lado ao outro, envolvidos no acesso a instituições de ensino relacionadas ao ensino da língua de sinais, como a Escuela 105 e o Liceo 6, no Uruguai, e a Escola Liberato e a UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa no Brasil.

Da comunidade surda da fronteira, considerando a diferenciação entre povo surdo e comunidade surda, pois ao me referir a comunidade surda trabalho com um conceito mais amplo que envolve pessoas surdas e ouvintes,

al referirse al pueblo sordo, se trata de las personas sordas; cuando hablamos de la comunidad surda, estamos hablando de un concepto más amplio y más laxo en el que los oyentes también están incluidos como participantes (Pereira, 2022, p. 21)

Dentro deste grupo de pessoas, temos as pessoas que foram entrevistas, sendo: uma instrutora surda de LSU, uma instrutora surda de Libras; uma professora ouvinte de Rivera, uma professora ouvinte de Santana do Livramento; dois intérpretes de LSU-Espanhol, dois intérpretes de Libras-Português; e sete surdos do Uruguai e do Brasil, com, no mínimo, formação secundária e experiência em atividades de defesa dos direitos linguísticos e culturais da comunidade surda.

Do total de entrevistados, dezesseis pessoas, incluindo as pessoas surdas, instrutores, intérpretes e professores de língua de sinais, membros da comunidade surda da fronteira, apresento os contornos desta comunidade e as variáveis sociais que afetam o comportamento linguístico que podem ser resumidos da seguinte forma: 60% são surdos, 33,3% uruguaios, 46,7% brasileiros e 20% pessoas com

dupla nacionalidade. Destes, 26,7% possuem documento especial de fronteira que lhes confere obrigações e direitos, como a possibilidade de estudar tanto no Brasil quanto no Uruguai.

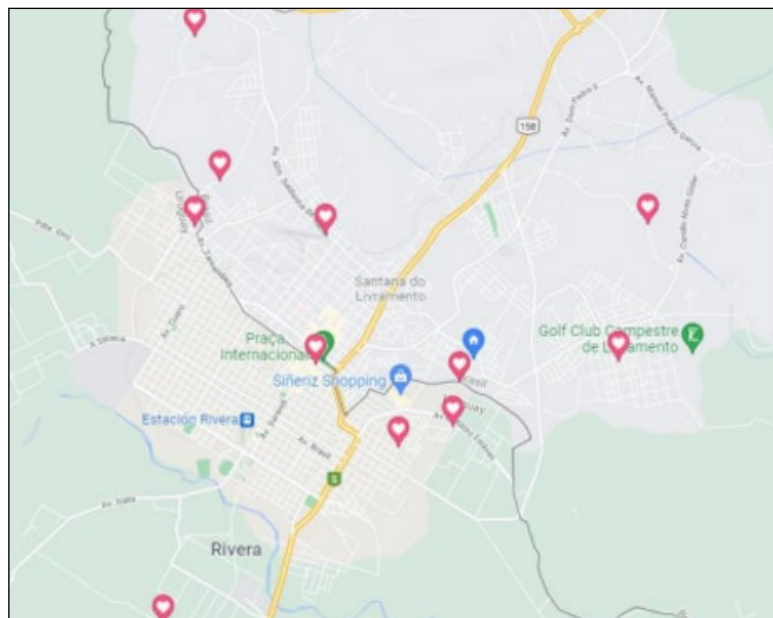
A maioria dos entrevistados nasceu no Brasil, segundo local de nascimento e nacionalidade, 27,7% dos participantes possuem documentação de fronteira, o que significa que 20% da população é doble-chapa (possuindo documentação dos dois países) e pode ser identificada como brasileira ou uruguaia.

Quanto ao nível de escolaridade, há 4/9 pessoas surdas que possuem Liceo ou UTU - Universidad del Trabajo del Uruguay (correspondente ao ensino médio e/ou ensino técnico), três surdos possuem graduação e um possui mestrado, indicando um nível de escolaridade superior, e apenas 1/9 possui educação primária correspondente ao ensino fundamental. Os ouvintes incluem pessoas com graduação, pós-graduação, mestrado e Tecnólogos en Interpretación y Traducción LSU-Español.

É importante mencionar onde vivem as pessoas desta comunidade porque o conceito de território influencia a constituição de uma comunidade surda na fronteira. 46,7% da população mora em Rivera, 40% mora em Santana do Livramento e 13,4% não mora mais na fronteira, (porém ainda carregam traços linguísticos ou modos de falar próprios desta comunidade, além de continuarem a participar das atividades e mobilizações políticas da comunidade). Podemos ver através destes dados que é uma população urbana bem distribuída entre as duas cidades, com algumas pessoas morando mais perto do centro e outras um pouco mais distantes. No mapa a localização das casas das pessoas desta comunidade surda, as marcações em vermelho mostram a localização das residências que estão distribuídas entre as duas cidades. As instituições de ensino que fazem parte da comunidade surda da fronteira os conectam.



Figura 2: Mapa da localização das casas das pessoas da comunidade surda



Fonte: Pereira (2022, p. 81)

As instituições de ensino têm um papel de nucleamento da comunidade surda entre as duas cidades. De acordo com esse vínculo entre as instituições de ensino, a participação em projetos da UNIPAMPA e atitudes glotopolíticas de promoção e defesa da língua, 100% dos entrevistados da comunidade de fala declararam ter participado de atividades culturais e promoção da cultura surda, 73,3% de atividades de promoção da língua de sinais, 33,3% realização de publicações que falam sobre cultura surda, 33,3% universitários da graduação e pós-graduação, acadêmicos que tratam da língua de sinais e cultura surda.

## **AS PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE SURDA DA FRONTEIRA**

As percepções da comunidade surda sobre a língua de sinais podem ser visualizadas em diferentes documentos e registros, como o diário de campo que utilizei nas análises da tese, com comentários compilados dos relatos desta comunidade, por meio de anotações de experiências no projeto PACSF - Produção de Artefatos da Cultura Surda na Fronteira - UNIPAMPA (2014, 2015, 2016).

Os relatos do diário de campo mostram as diversas expressões culturais que surgem em torno dos falantes dessas línguas, suas habilidades bilíngues e sua capacidade de se comunicar de uma terceira forma, mostram uma comunidade que se tornou conhecida e reconhecida através das atividades políticas que ocorreram



na fronteira, das lutas por reconhecimento e das diversas expressões culturais que surgiram em torno dos falantes.

Um exemplo destas atividades foi no ano de 2016, atividades de intercâmbio com outras comunidades surdas no Uruguai e no Brasil para entender quem somos como comunidade, me incluo aqui pois sou parte desta comunidade surda da fronteira. Na UdelaR - Universidad de la República Uruguay, ASUR – Asociación de Sordos del Uruguay e UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ocorreram experiências de acolhimento ou rejeição da comunidade surda na fronteira devido às nossas particularidades identitárias, culturais e linguísticas.

No contato linguístico com outras comunidades, tanto no Uruguai quanto no Brasil, o estranhamento durante a comunicação foi notável porque o léxico difere a tal ponto que às vezes é difícil determinar se é LSU ou LIBRAS e apenas as pessoas que pertencem a esta comunidade e conhecem os sinais das duas línguas e os sinais regionais utilizados por esta comunidade podem compreender. Além das práticas linguísticas, esta comunidade surda possui diferentes expressões culturais e elementos que considera patrimônio da comunidade, como locais como o Parque Internacional (BR e UY), Escuela 105 (UY), Plaza Artigas (UY) e Escola Liberato (BR).

Abordei então as percepções da comunidade surda sobre as línguas que falam nesta fronteira geopolítica e linguística.

Aceptar que es posible trabajar con las percepciones que las personas tienen de la lengua es entender que el lenguaje está vinculado al espacio social en la forma en que las personas hablan, considerando la percepción del habla, la evaluación subjetiva y las actitudes lingüísticas (Pereira, 2022, p. 43)

Já das análises das entrevistas foram compiladas quatro categorias que mostram que essa comunidade está conectada principalmente, pela forma como percebem a língua: (1) as línguas de sinais em contato, (2) o compartilhamento da cultura, (3) a busca pela escolarização em língua de sinais e o contato surdo-surdo e (4) a militância. - agentes glotopolíticos. Estas categorias analisam em síntese que a comunidade falante de língua de sinais na fronteira, percebe a existência de uma língua de sinais em contato, típica desta região fronteiriça (sem conotação preconceituosa), como uma riqueza cultural da fronteira, falada entre um grupo de amigos sinalizantes independentemente da nacionalidade ou se a língua de sinais é do seu país de origem. É a militância pelo respeito à língua de sinais que une os surdos na fronteira e a possibilidade de variedade linguística.

A comunidade surda experimentou uma mudança no discurso público sobre as línguas de sinais faladas na fronteira como resultado dessas percepções. Considerei, então, estes documentos, Lei 10.436/2002 do Brasil e a Lei 17.378/2001 do Uruguai, como fontes de políticas linguísticas para esta comunidade, e ainda, documentos oficiais e acadêmicos sobre línguas de sinais em contato na fronteira Livramento/Rivera.

Assim analisei os seguintes documentos, as leis para a língua de sinais, a Lei 10.436/2002 do Brasil e a Lei 17.378/2001 do Uruguai, que promovem o planejamento linguístico e subjetivam uma política do falar corretamente, como se fosse possível legislar e modular o falar conforme uma lei.

Porém, em determinado momento a chave da tese passou a ser: Como se relacionam essas línguas de sinais que produzem uma terceira forma de comunicação, chamada LIBRALSU pela comunidade de fala? E esta designação só pode ser encontrada em produtos acadêmicos, uma vez que não existe uma política linguística definida sobre este termo, nem mesmo em documentos oficiais do Brasil ou do Uruguai.

Então, encontrei os seguintes textos, que são documentos acadêmicos relacionados às línguas de sinais em contato na fronteira Livramento/Rivera: Aquisição da LIBRAS e LSU: narrativas de um surdo de fronteira entre Brasil e Uruguai, (Custódio, 2015); Educação de Surdos na Fronteira Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), (Vaz, 2017); Educação de surdos: experiência da vida em LIBRAS e LSU, (Severo; Cavalheiro, 2018); Os surdos da fronteira Santana do Livramento -BR e Rivera - UY e suas línguas, (Batista, Machado & Cezar, 2018).

A investigação sobre esta comunidade surda e suas línguas de sinais ganham espaço no campo da linguística e da educação na região fronteira. A existência de escolas e universidades que oferecem ensino de língua de sinais em ambos os lados da fronteira é uma possibilidade entre LIBRAS e LSU e às vezes um desafio para os surdos na fronteira, que frequentemente encontram outras formas de comunicação. Como podemos ver em, pelo menos dois: Vaz (2017) e Batista, Machado & Cezar (2018) mencionam o tema LIBRALSU como uma língua utilizada na comunidade.

Pelo menos uma autora, Custódio (2015) considera o tema LIBRALSU como uma língua difícil de aprender, mas outros pesquisadores como Vaz (2017), Severo e Cavalheiro (2018) e Batista, Machado & Cezar (2018) o veem como uma consequência natural do modo de vida, da convivência e da identificação do surdo fronteiro com o lugar, o que cria novas formas de comunicação.

Após a análise destes quatro documentos, conclui que LIBRALSU é uma parte importante das experiências da comunidade surda. Mas quantas línguas existem, em que momentos e onde ocorrem? Assim, analisei as percepções, atitudes e avaliações linguísticas sobre as línguas de sinais faladas por esta comunidade falante de línguas de sinais na fronteira, a caracterização das diferentes línguas faladas pelos entrevistados, e a distribuição funcional e relação afetiva.

Os resultados da pesquisa mostram que 100% dos entrevistados acreditam que os surdos na fronteira falam de forma diferente do que falam em outros lugares, no Brasil e no Uruguai. Porém, embora reconheçam que a língua de sinais é diferente, apenas 25% respostas a diferenciam como LIBRALSU, enquanto os demais afirmam falar LSU e LIBRAS.

A comunidade de fala é afetada pelo bilinguismo, já que 80% dos entrevistados afirmam falar uma segunda língua, seja LSU, LIBRAS ou LIBRALSU. A maioria

das respostas afirma falar LIBRAS como segunda língua, com 26,7%, seguida da LSU, com 13,3% e em terceiro lugar há respostas de LIBRALSU.

Os entrevistados foram divididos entre as línguas de sinais LSU e LIBRAS na caracterização sociolinguística de suas línguas maternas e segundas línguas. Nenhum deles considera o LIBRALSU como sua primeira língua, mas apenas como sua segunda língua.

Em relação à distribuição funcional e às relações afetivas, considere quando e por que se fala LIBRALSU, bem como que tipo de relações afetivas estão relacionadas ao uso da língua: Parece-lhe que se fala LIBRALSU (1) com amigos, (2) dentro do círculo acolhedor da comunidade, (3) fora das instituições educacionais formais. Como podemos ver nos excertos abaixo em que Daniela<sup>3</sup>, nos traz a primeira categoria analítica, (1) com amigos. Daniela é surda, conta que LIBRALSU surgiu através de um processo de aprendizagem entre amigos, já que sua primeira língua é LSU e aos poucos foi aprendendo LIBRAS, e nesse processo de troca com amigos, foi aprendendo a LIBRALSU.

Para mí, antes hablaba en lengua uruguaya, pero conociéndome con personas que señalaban en lengua de señas brasileña y fui aprendiendo poco a poco, tratando de entender Libras, poco a poco con los amigos, así es LibralSU (Daniela, surda).

Também quando nos contam que a LIBRALSU flui, (2) dentro do círculo acolhedor da comunidade, na escola, numa praça, dentro da roda de acolhimento:

Cuando se juntan. Cuando se junta la comunidad (Alba, traductora e intérprete de LSU-español).

Há um conjunto de respostas que complementa estas análises que nos dizem que fora dos espaços escolares é possível ver o LIBRALSU, (3) fora das instituições educacionais formais de ensino, como vemos nos trechos a seguir.

Parece como se eles falam uma língua formal dentro da escola e dentro da universidade Unipampa, eu percebi que a língua é carregada de uma formalidade muito forte dentro da instituição e fora das instituições é como se existisse uma língua informal (Lívia, surda e instrutora de Libras)

A LIBRALSU possui uma relação afetiva, acolhedora e de aceitação entre seus falantes; porém, carrega também um estigma e descrédito por não ser reconhecida como a língua de instrução oficial nas escolas.

A comunidade surda tem se envolvido e participado de movimentos políticos, atuando como agentes glotopolíticos (Lagares, 2018) e divulgadores da língua e da cultura surda na fronteira, em prol de políticas linguísticas e educacionais na região sobre as línguas de sinais, principalmente atuando em movimentos políticos e a defesa das bandeiras de luta da comunidade, unindo a fronteira, e as instituições.

---

3 Os nomes utilizados no trabalho são pseudônimos para identificar os participantes durante as análises.

Estes movimentos políticos e de defesa das bandeiras da comunidade são, entre outros, a defesa da língua, da cultura e da identidade surda, unindo pessoas surdas e ouvintes de ambos os lados da fronteira em movimentos políticos, atividades culturais e eventos.

Embora LIBRALSU surja do discurso desta comunidade de fala, há uma série de conflitos, tensões e valores relacionados ao uso da língua, bem como ideias e sentimentos que o grupo atribui a uma forma específica de falar. Assim é relevante nas análises, saber se os falantes veem a sua própria língua como um terceiro espaço, uma língua de sinais falada na comunidade surda fronteiriça, e se o fazem, tal como a descrevem e chamam.

Assim temos seis categorias, (1) uma língua, (2) nova aparição de uma língua, (3) uma mistura (4) algo específico da fronteira, (5) uma confluência, (6) mau falar/hipercorreção. As percepções desta comunidade falante de língua de sinais, nos dizem que se trata de uma só língua, a união das duas línguas que tem suas características e peculiaridades devido ao contato entre as línguas de sinais na fronteira.

Como podemos ver nos excertos, referente a categoria, (1) uma língua, nas entrevistas Tatiana nos conta que existe uma linguagem chamada LIBRALSU, destaca que não pode ser considerada uma língua feia, mas que a vê como uma língua regional que deve ser respeitada, uma língua típica da fronteira.

É o sinal de LibralSU, que a junção dessas duas línguas então, Libras e LSU, que foi um termo que foi criado [...] junto com a comunidade surda da fronteira, esse termo [...] tem muita coisa implicada, ela tem um contexto linguístico do Brasil uma língua do Brasil e uma língua do Uruguai que se funde e que não sei em que momento também nós vamos pesquisar, esse fato dessa criação de sinais. E que são validados e são registrados... e ainda uma coisa que a gente precisa pensar no registro desses sinais, porque de repente sinais existem mas eles não estão registrados num dicionário, num glossário, eles estão aí nessa comunidade (Tatiana, tradutora e intérprete de Libras-português)

LIBRALSU aparece também como, (2) nova aparição de uma língua e (3) uma mistura, como podemos ver nos seguintes excertos,

[...] essa interação entre eles e esse novo surgir de uma língua (Silvana, maestra oyente de la escuela de inclusión).

[...] os surdos, tanto Libras como LSU, como LibralSU, essa mistura (Dolores, tradutora e intérprete de Libras-português).

Aparece no discurso desta comunidade de fala também como (4) algo específico da fronteira e (5) uma confluência, considerada com outras duas categorias, que trazem falas neste sentido,

Aqui é diferente em Rivera, mas em Porto Alegre as pessoas surdas usam palavras/sinais diferentes que eu não conheço e eu sempre pergunto o que é... Aqui em Livramento e Rivera, os sinais aqui da fronteira, não são iguais aos sinais de Porto Alegre, são diferentes (Valentina, sorda).

[...] eles aprendem os uruguaios aprendem Libras e os santanenses aprendem lengua de señas, mas eu acredito que há uma confluência [...] Que eu acredito que esteja sendo construída por eles [...] a construção de um outro sinal, no caso para eles né próprio e específico daquele convívio dessa confluência [...] pela influência de um com o outro pelo convívio pelas trocas (Silvana, maestra oyente de la escuela de inclusión)

Há ideias que discordam, pelo menos até certo ponto, de que existe uma nova língua na fronteira e abordam esta questão produzindo julgamentos de valor e categorizando o discurso desta comunidade como (6) mau falar/hipercorreção,

Veo a ambos, veo gente que seña con la seña de Brasil y gente que seña con la de Uruguay, pero noto que hay algunas personas de Uruguay que señan con las señas brasileñas. Pero les advierto que tendrían que señar las señas correctas desde Uruguay (Alceu, sordo).

Ao mesmo tempo que temos discursos que avaliam positivamente a língua, como o surgimento de uma nova língua, uma combinação de LIBRAS e LSU, como algo único, distintivo que integra; há também o (6) mau falar/hipercorreção, a espetacularização da fala, como “admirável” e “diferente”.

## **LIBRALSU É RECONHECIDA PELA COMUNIDADE**

A comunidade nos conta sobre essa manifestação linguística, e que existem três línguas de sinais na fronteira e que nas reuniões da comunidade surda foi identificado o sinal de LIBRALSU, um sinal fronteiriço relacionado à criação de identidades.

A comunidade reconhece, nomeia e fala sobre LIBRALSU expondo suas percepções e crenças sobre o que é. Caracteriza-a também em termos conceituais, explicando o fundamento do sinal, a sua história e como é configurado manualmente na língua de sinais, repleto de representação.

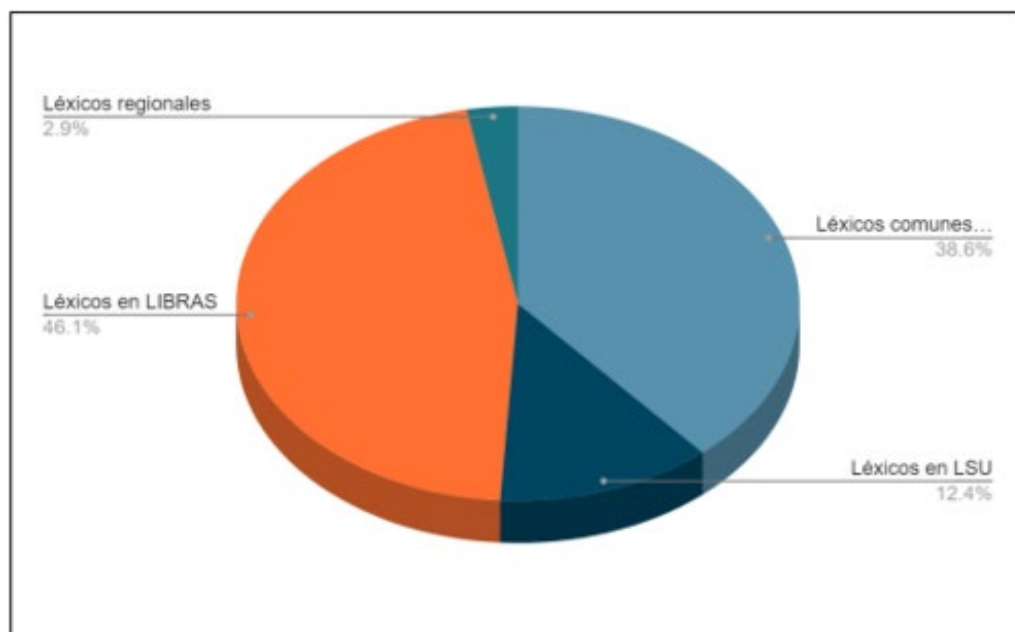
Para determinar até que ponto o contato entre LIBRAS e LSU afeta o repertório lexical da comunidade, analisei os aspectos linguísticos da LIBRALSU, as escolhas lexicais de pessoas surdas em um fenômeno linguístico variável, neste caso o uso de substantivos/verbos. Na língua de sinais “un sustantivo puede ocupar el lugar de un verbo en la oración, o viceversa, y esta diferencia solo se nota cuando traducimos la oración a una lengua oral y es posible traducir ese ítem léxico como un sustantivo o verbo” (Pereira, 2022, p. 63).

Os substantivos/verbos foram recolhidos das entrevistas de oito surdos que responderam em língua de sinais. Fiz a tradução das entrevistas para o Português e para o Espanhol, segundo me parecia mais perto da LSU, traduzi ao Espanhol, e perto de LIBRAS, foi traduzido ao Português. Para a quantificação dos substantivos/verbos, transcrevi as entrevistas separando os sinais em grupos de palavras, quatro no total, os três primeiros foram: léxicos comuns às línguas de sinais LSU e LIBRAS, léxicos em LSU e léxicos em LIBRAS. Como alguns sinais e formas de dizer não se encontram na lexicografia, nem de LSU, nem de LIBRAS, foi necessário considerar

um quarto grupo de palavras, assim foram classificados como sinais regionais, pois são produzidos nesta fronteira.

Primeiramente, devemos ter em mente que o número de sinais comuns na LSU e na LIBRAS tem uma forte base icônica, isso pode ser explicado pela grande iconicidade em Cuxac (2000, 2007), que faz com que as línguas de sinais apresentem uma base comum; em segundo lugar, existem muitas diferenças individuais interessantes e importantes, e é necessário levar em conta as características sociais de cada falante. Como podemos ver no gráfico abaixo a respeito das escolhas léxicas entre LSU e LIBRAS sinais comuns, LSU, LIBRAS e sinais regionais.

Figura 3: Escolhas Léxicas



Fonte: Pereira (2022, p. 166).

A análise revela que, apesar de uma base comum proporcionada pela grande iconicidade, há diferenças na frequência de uso dos léxicos em LIBRAS e LSU. Os sinais de LIBRAS, especialmente substantivos e verbos, foram os mais utilizados, representando 38,6% após os sinais comuns, enquanto os léxicos de LSU apresentaram uma proporção menor, com 12,4%. Essa dinâmica mostra uma relação entre os substantivos e verbos de ambas as línguas, com uma base de sinalização compartilhada e um predomínio dos sinais de LIBRAS. Dessa forma, os sujeitos bilíngues transitam entre uma língua e outra, regulando suas interações para sinalizar mais próximo do padrão de LIBRAS ou de LSU conforme o contexto. Esses percentuais refletem a flexibilidade na adaptação de seus repertórios linguísticos em função da situação comunicativa.

Também aparecem sinais regionais, embora sejam minoria, mas não menos importantes, porque costumam nomear locais ou circunstâncias importantes para esta comunidade surda na fronteira. A comunidade falante de língua de sinais na fronteira consegue se comunicar nas duas línguas de sinais e trabalha com uma base comum entre LSU e LIBRAS, além de incorporar novos sinais regionais na comunicação.

Como podemos ver, por exemplo, nas escolhas lexicais de Karina ao responder a entrevista, foi possível quantificar os substantivos/verbos utilizados por ela e categorizar em quatro grupos. Karina, que é brasileira, mas também tem nacionalidade uruguaia e trabalha como Instrutora de LSU na escola de surdos<sup>4</sup>, utiliza léxicos de LIBRAS em 48% de sua fala e os associa a 40% de sinais comuns na LSU e LIBRAS com apenas 12% de sinais de LSU e 2% são sinais regionais. Considerando 40% dos léxicos comuns em LSU e LIBRAS, somados aos 46% de LIBRAS, é possível dizer que Karina apresenta uma base de LIBRAS em sua fala e variações linguísticas da LSU. Seu período escolar foi marcado pela instrução em LSU e depois em LIBRAS, hoje é bilíngue.

Podemos tecer outro comparativo ao observar as respostas obtidas, por exemplo, com as eleições léxicas de Thiago. Thiago é uruguaio e brasileiro, é uma pessoa desta comunidade surda que pode ser considerada uma pessoa dobre-chapa, pois possui documento de identidade dos dois países. Sua formação se dá em nível superior, cursando uma graduação no Brasil, mas também já estudou no Uruguai, quando frequentou a Escuela 105 em nível primário (correspondente ao Ensino Fundamental) e logo após estudou no Brasil, cursando o Ensino Médio na Escola Liberato.

Thiago apresenta 61,7% de léxicos comuns em LSU e LIBRAS, 19,0% léxicos em LIBRAS, tendo então uma base predominantemente em LIBRAS; utiliza ainda 13,3% de léxicos em LSU e 6% de léxicos regionais. É um sujeito surdo bilíngue como os demais e respondeu às entrevistas usando uma base de LIBRAS.

Diferentemente de Karina e Thiago, Eduarda é uruguaia, não possui documentação brasileira e também nunca frequentou instituições de ensino no Brasil, estudou na Escuela nº105 e em 2022, no ano da investigação, estava no último ano do Liceo (correspondente ao Ensino Médio). Eduarda se utiliza em suas eleições léxicas uma base de LSU, com 45 % de léxicos em LSU e outros 40 % léxicos comuns, e somente 12 % de LIBRAS e 3 % de sinais regionais.

Podemos ver que, mesmo nunca participando de um processo de escolarização no Brasil, ainda assim, Eduarda se utiliza de sinais em LIBRAS e sinais regionais compartilhados por essa comunidade surda. Podemos dizer que Eduarda apresentou uma base em LSU diferente dos casos anteriores que apresentaram uma base em LIBRAS.

---

4 Instrutor surdo, trata-se de um surdo adulto de referência para ensinar a língua e a cultura surda dentro das instituições de ensino.



Resulta que a língua se move nas práticas linguísticas através das escolhas lexicais de substantivos/verbos durante uma conversação e possui características da história de vida de cada pessoa da comunidade.

O fator acesso às instituições de ensino é identificado como um marcador, o trânsito entre as escolas no Uruguai e no Brasil influenciou a variação linguística, mas existem outros fatores que devem ser considerados no cotidiano da comunidade de fala, uma vez que os resultados das análises indicam que a maioria das pessoas usa base de LIBRAS, mas devemos considerar também que existe uma pessoa que usa base LSU. Além disso, há uma pessoa que usa a base em LIBRAS e que nunca frequentou instituições de ensino no Brasil, o que justificaria inicialmente a base LIBRAS utilizada pelos demais.

## **LÍNGUAS DE SINAIS FALADAS NA FRONTEIRA: LSU, LIBRAS E LIBRALSU**

Discuti as percepções desta comunidade surda sobre as línguas de sinais que falam, e agora sabemos que muitos dos entrevistados se referem a três línguas de sinais faladas na fronteira: LSU, LIBRAS e LIBRALSU.

A língua muda geográfica, social e historicamente, e essas mudanças têm impacto nas atitudes linguísticas. Em outras palavras, a forma como os falantes veem a sua própria língua dentro do jogo linguístico está intrinsecamente relacionada com o jogo social e com as visões sobre a língua. Isso poderia ser chamado de imagem da língua ou das normas que podem ser compartilhadas na comunidade de fala (Calvet, 2002). Um conjunto de atitudes e sentimentos dos falantes em relação às suas diferentes variedades linguísticas, que pude observar através da análise das percepções desta comunidade de fala sobre as línguas de sinais que compartilhadas na fronteira.

No que diz respeito à análise das percepções que a comunidade surda fronteiriça tem sobre as línguas de sinais que fala, entendo que há conhecimentos e visões de mundo que estão na língua e estão relacionados a uma variedade de elementos identitários e de pertencimento.

Porque a língua é um fato social com um grande peso identitário, que se manifesta mesmo nas circunstâncias sociopolíticas mais adversas, cria-se um lugar de resistência que normalmente se organiza definitivamente na perspectiva da identidade da comunidade linguística (Lagares, 2018).

A nível acadêmico, institucional e político, um estudo desta natureza é interessante, pois acredito que a nível acadêmico possa revelar a situação linguística da comunidade de língua de sinais da fronteira, um tema até agora muito pouco discutido; além disso, isso é de maior relevância na medida em que envolve pesquisas sobre línguas em contato, que são de sinais, pouco estudadas internacionalmente, sem deixar de mencionar a pesquisa de (Quinto-Pozos, 2002).

Seus falantes observaram diferenças importantes com relação ao que a linguística tem demonstrado em relação ao contato entre as línguas orais e seus

falantes, como esperado por ser um contato entre línguas de sinais. Por um lado, as particulares interações das línguas de sinais com o processo de standardização da língua, a escrita e a gramatização explicam essas diferenças (Peluso, 2018); por outro lado, temos que considerar que a iconicidade, tanto em termos léxicos como morfossintáticos, é a base das línguas de sinais (Cuxac, 2000, 2007; Val, 2017) e em função disso, a iconicidade sustenta e permite que os falantes estabeleça trocas em línguas de sinais de maneira diferente dos falantes de línguas orais (Cuxac, 2007).

la posibilidad, que tienen las lenguas de señas, de incorporar rasgos del referente en su estructura, así sea a nivel léxico, fonológico, morfosintáctico y/o discursivo. La gran iconicidad otorga a las lenguas de señas, aún a aquellas estandarizadas, amplias posibilidades en el plano de la creatividad lingüística y facilita, enormemente, el contacto interlingüístico. Al hacer foco en la gran iconicidad, la mirada se descentra de la estructura estabilizada, algo que no ocurre en el tratamiento de las lenguas orales, y se coloca en aquello que las lenguas naturalmente comparten (Peluso, *et al.* 2021, p. 222).

Ou seja, LSU e LIBRAS são as línguas de sinais nacionais estandarizadas faladas na fronteira. A LSU tem origem na Língua de Sinais Francesa e Argentina, e a LIBRAS na Língua de Sinais Francesa. No entanto, um falante da LSU pode se comunicar rapidamente com outros falantes de LIBRAS ou ASL (American Sign Language), por exemplo, graças à base icônica da língua, como fazem as línguas de sinais.

Así, la emergencia de un tercer espacio lingüístico en la Frontera no es similar cuando ocurre entre dos lenguas orales que cuando entre dos lenguas de señas. Mientras que, para el caso del portuñol, durante décadas el centro se mantenía en la estructura de las lenguas nacionales y estandarizadas, y en el intento de su exterminio y consiguiente migración hacia una de ellas; para el caso LIBRALSU se observa una actitud positiva de los diversos hablantes, ya que estos ponen énfasis en el desarrollo de habilidades lingüísticas EN lengua de señas, sin importar a qué estructura lingüística, en relación a lenguas nacionales estandarizadas, pertenezca (Peluso, *et al.* 2021, p. 222).

A nível político, acredito que esta investigação é pertinente porque é realizada no seio da comunidade surda fronteiriça e visa consolidar um movimento acadêmico descolonizador e contra-hegemônico nessa área. Além disso, creio que este ponto é fundamental na linguística crítica que assumo.

A pesquisa também se baseia nas mudanças políticas que a comunidade surda está realizando na fronteira para visualizar suas formas de se expressar. Isto poderia ter um impacto nas atuais políticas linguísticas e educacionais nesta comunidade porque a comunidade se posiciona positivamente em relação às habilidades de falar em língua de sinais, seja em LSU, LIBRAS ou LIBRALSU, sem estar focada na estrutura, mas na capacidade de falar em língua de sinais.

A investigação centrou-se no aspecto linguístico da comunidade social, examinando o papel que a linguagem desempenha no quadro das práticas discursivas e na construção de significados e identidades sociais. Propus desconstruir as ideologias predominantes nos grandes centros e oferecer pontos de vista alternativos,

fronteiriços, pois é o nosso interesse, “mostrar particularmente la emergencia de un tercer espacio lingüístico, que es contrahegemónico en relación a las lenguas de señas nacionales y que está ganando visibilidad en los últimos años” (Peluso, *et al.* 2021, p. 203).

Nesta pesquisa apresentei diversos aspectos da história do desenvolvimento de um terceiro espaço linguístico na fronteira Livramento/Rivera, as perspectivas linguísticas dos membros da comunidade surda fronteiriça e as condições linguísticas das diversas instituições de ensino encontradas na região, sugerindo que estamos vivenciando um fluxo entre as línguas de sinais na Fronteira.

LIBRALSU é um fluxo linguístico nas dinâmicas e práticas de comunicação neste espaço geopolítico, “por lo que hemos podido observar hasta el momento, la comunidad sorda de la frontera prima una actitud positiva hacia la LIBRALSU, la que en general es vista como algo alternativo y no como una simple mixtura” (Peluso, *et al.* 2021, p. 217).

Penso que conseguimos, ainda que timidamente, investigar pela primeira vez a heterogeneidade linguística dentro de uma comunidade de fala, falante de línguas de sinais em contato. Fazer uma descrição dos sinais, centrando o estudo a nível lexical, procurando nas escolhas de léxicos que os surdos desta comunidade fazem ao responder a entrevistas, recolher amostras de produção linguística de um fenômeno linguístico variável específico ancorado nos contributos da investigação sociolinguística, no âmbito da Sociolinguística Variacionista.

Portanto, a partir desta pesquisa, acredito que a variação que encontramos entre as línguas de sinais na fronteira está relacionada a questões de identidade, “identidade dos falantes, em termos de sentimento de pertencimento a um local, a um povo ou a uma cultura [...] pode se mostrar como um condicionador extralinguístico que motiva a variação linguística” (Coelho, *et al.* 2019, p. 50).

Por fim, digo, que através desta investigação, foi possível contar sobre as percepções linguísticas de uma comunidade surda, antes invisibilizada, uma comunidade falante de língua de sinais na fronteira entre o Brasil e o Uruguai que tem sua vida marcada por este espaço-lugar, uma investigação a partir de suas histórias e experiências de vida marcadas pelas línguas de sinais em contato.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, A. S.; MACHADO, L. B.; CEZAR, L. L. **Os surdos da fronteira Santana do Livramento-BR e Rivera-UY e suas línguas**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português/Inglês) – Universidade Paulista (UNIP), São Paulo.

BEHARES, L. E. *Historia y discurso sobre educación en zonas de frontera*. In: TRINDADE, A.; BEHARES, L. (orgs.). **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996.

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Diário Oficial da União, Poder Executivo. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 21 maio 2018.

- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARVALHO, A. M. *The social distribution of Uruguayan Portuguese in a bilingual border town*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E.; SOUZA, C. M.; MAY, G. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.
- CUSTÓDIO, L. M. **Aquisição da Libras e LSU: Narrativas de um surdo de fronteira entre Brasil e Uruguai**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Especial) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria.
- CUXAC, C. *La langue des signes française: Les voies de l'iconicité*. *Faits de langues*, n. 15-16. Paris: Éditions Ophrys, 2000.
- CUXAC, C.; SALLANDRE, M. A. *Iconicity and arbitrariness in French sign language - highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- ELIZAINCÍN, A. As pesquisas nas áreas de fronteira: Brasil/Uruguai. In: TRINDADE, A.; BEHARES, L. (orgs.). **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996.
- ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L. E.; BARRIOS, G. *Nos falemo brasileiro: dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.
- FIGUEIRA, P. C. M. **Comunidade Surda da Fronteira, Experiência Compartida**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria.
- FISCHER, L. A. Saber-se da Fronteira. A Fronteira que não separa. **Revista VOX**, n. 7, ano 4, Porto Alegre: IEL e CORAG, 2014. ISSN 1518-9600.
- GUMPERZ, J. J. Tipos de comunidades. (Types of linguistic Communities in Anthropological Linguistics), *Anthropological Linguistics*, n. 4, tradução de F. Javier Martínez, p. 28-40, 1962.
- HENSEY, F. *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague: Mouton, 1972.
- HYMES, D. *Foundations of Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia: Pennsylvania Press, 1974.
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, María Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

- LAGARES, X. **Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.
- LARROSA, J.; SKLIAR, C. (orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Gorini de Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- PELUSO, L. **Sordos y oyentes en un liceo común**. Montevideo: Universidad de la República-Psicolibros, 2010.
- PELUSO, L. *Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida*. **Traslaciones: Revista Latinoamericana de Lectura y Escritura**, v. 5, n. 9, 2018. Disponível em: <http://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/traslaciones/article/view/1311>. Acesso em: 21 maio 2018.
- PELUSO, L.; FIGUEIRA, P. C. M.; VAZ, C. *Comunidad sorda en la frontera y su repertorio lingüístico*. **Revista INES**, n. 56, Rio de Janeiro, p. 203-223, 2021. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espacio/article/view/1667>. Acesso em: 21 maio 2018.
- PEREIRA, M. **Lengua de Señas en la Frontera Uruguay-Brasil**. 2022. Tesis (Doctorado en Lingüística) – Universidad de la República (UdelaR), Montevideo, 2022.
- PURANEN, P. **Las actitudes lingüísticas y el prestigio del portuñol en la ciudad de Rivera**. Finlândia: Universidad de Helsinki, 1999.
- QUADROS, R. M. de; SILVA, T. R. **Gramática da Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: UFSC, 2017.
- QUINTO-POZOS, D. G. **Contact Between Mexican Sign Language and American Sign Language in Two Texas Border Areas**. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) – The University of Texas, Austin, 2002.
- RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 149-166.
- RONA, J. P. **El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay**. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.
- SEVERO, P. M.; CAVALHEIRO, T. Educação de surdos: experiência da vida em Libras e LSU. In: *Décimo Foro de Lenguas de ANEP. Anais...* Montevideo: Uruguay, 2018.
- STURZA, E. R. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias linguísticas**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- SUMAIO, P. A. **Sinalizando com os terena: um estudo do uso da Libras e dos sinais nativos por indígenas surdos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

URUGUAY. *Ley n.º 17.378 (2001)*. Reconócese a todos los efectos a la Lengua de Señas Uruguaya como la lengua natural de las personas sordas y de sus comunidades en todo el territorio de la República. Montevideo, Uruguay. Disponível em: <http://www.impo.com.uy/bases/leyes-originales/17378-2001/1>. Acesso em: 25 maio 2018.

VAL, S. *Iconicidad y discurso: análisis de narraciones en lengua de señas uruguaya desde una perspectiva cinematográfica*. 2017. Tesis (Maestría en Ciencias Humanas, opción Lenguaje, Cultura y Sociedad) – Universidad de la República, Montevideo, Uruguay - UdelaR.

VAZ, C. *Educação de Surdos na Fronteira Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2017.

WEINREICH, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. Nueva York: Mouton Publishers, 1953.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.